



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO-CAMPUS VII  
SENHOR DO BONFIM-BA  
PEDAGOGIA 2007.1**

**ARIANA DA SILVA MATTOS**

**ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU: SUA  
IDENTIDADE DIANTE DAS PRÁTICAS DE RACISMO**

**SENHOR DO BONFIM-BA  
MARÇO/2011**

**Ariana da Silva Mattos**

# **ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU: SUA IDENTIDADE DIANTE DAS PRÁTICAS DE RACISMO**

Trabalho Monográfico apresentado à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus VII como pré-requisito para conclusão de curso de Pedagogia, Docência e Gestão de Processos Educativos.  
Orientadora Prof<sup>a</sup> Msc. Elizabeth Gonçalves

**SENHOR DO BONFIM - Ba  
MARÇO/2011**

**Ariana da Silva Mattos**

**Associação Quilombola de Tijuacu: sua identidade diante das práticas de racismo.**

Monografia de conclusão de curso submetida à Universidade do Estado da Bahia- UNEB como requisito para obtenção da Graduação em Pedagogia e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Aprovada \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

---

Msc. Maria Elizabeth Souza Gonçalves (orientadora)

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

---

Pascoal Eron Santos de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Msc. Simone Ferreira Souza Wanderley

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Dedico de forma especial ao meu grandioso mestre Jesus que me fortaleceu nestes anos de caminhada e ergueu minha cabeça nos momentos de dificuldades e angústia. A todos meus familiares, principalmente a minha mãe Teca que sempre acreditou no meu potencial e me ajudou chegar onde tenho chegado, também a amada avó Dolores e a Bisa Dinha. Aos amigos de sala Cintia, João, Leidiane, Pricila e Val. E de forma carinhosa a Adriano Dias que me apoiou neste percurso. Enfim a todos que fizeram e fazem parte da minha história.

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento agradeço de forma especial e sincera as pessoas que me ajudaram, incentivaram e compreenderam os meus dilemas.

A toda Instituição unebiana e o corpo docente que contribuíram para o meu enriquecimento educacional, entre estes não poderia deixar de destacar a Prof<sup>a</sup>. Claudia Maisa, Prof<sup>a</sup>. Lilian Teixeira, Prof<sup>o</sup> Pascoal Eron, Prof<sup>a</sup>. Joanita Moura, Prof<sup>o</sup> Paulino Oliveira e a Prof<sup>a</sup>. Simone Wanderley.

Agradeço a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Elizabeth Gonçalves que desde início estive estendendo sua mão para solucionar minhas dificuldades, confiando nas minhas decisões, para esta reservo nas minhas lembranças um carinho a mais, ficará guardada na minha memória.

A minha colega de sala Eliene parceira das idas e vindas em Tijuáçu, muitas dificuldades enfrentamos juntas.

A toda comunidade de Tijuáçu que abriu suas portas para nos atender, principalmente Valmir Santos, Suzana Fagundes, Vanildo, Detinha, Ilca, Eliete e Joinha.

Enfim para chegar até aqui são muitos os que me ajudaram, a lista de nomes é enorme, por isso resumo dizendo que deixo para todos meus pedidos de desculpas e minha imensa gratidão.

Somos alvos da incoerência  
Vítimas da prepotência  
Dos racistas,  
Quero meu direito de crescer na vida  
Quero sim  
Quero meu direito de vencer na vida  
Oh, mamãe África  
Oh, mamãe África  
Quero ter o direito de ser  
O que eu quiser ser  
Quero ter o direito de ser  
O que eu quiser.

**Edson Gomes**

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os processos de afirmação de identidade dos membros da Associação Quilombola de Tijuaçu diante das práticas de racismo. A questão de pesquisa surgiu das inquietações decorrentes das minhas vivências na Pastoral Afro Brasileira e na disciplina cultura afro-brasileira e africana vivenciada na própria universidade. Diante disso analisamos todo contexto histórico, no qual o negro viveu e vive as marginalizações sofridas ao longo da história pela sociedade que se diz democrática e as conseqüências geradas por estas ações racistas. Para o aprofundamento das nossas discussões buscamos subsídios teóricos em Chiavenato (1999); Cavalleiro (2006); Munanga (1988) Paixão (2006); Hall (2003); Nascimento (2003); Gomes (2002), entre outros. A pesquisa foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa. Foram utilizados instrumentos como, observação participante, questionário fechado e entrevista semi-estruturada, fazendo uma relação com as falas dos sujeitos pesquisados. Depois de analisarmos os depoimentos dos sujeitos evidenciamos que a Associação quilombola de Tijuaçu e adjacências tem se consolidado como um espaço de lutas, reivindicações e busca de proteção fortalecendo os quilombolas de Tijuaçu e de outras comunidades vizinhas descendentes de quilombo na construção de sua identidade.

**Palavras chave:** Identidade. Associação Quilombola de Tijuaçu. Racismo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>11</b>
<b>1.PROBLEMÁTICA: O NEGRO AO LONGO DA HISTÓRIA.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>17</b>
<b>2.QUADRO TÉORICO: EXPLORANDO CONCEITOS CHAVE.....</b>	<b>17</b>
2.1IDENTIDADE DISCUSSÕES DA PÓS-MODERNIDADE.....	17
2.2 ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU.....	20
2.3 RACISMO.....	22
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>26</b>
<b>3.METODOLOGIA: BASE DE CONSTRUÇÃO.....</b>	<b>26</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	27
3.2 LÓCUS DA PESQUISA.....	27
3.3 SUJEITOS PESQUISADOS.....	28
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	28
3.5 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	30
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>32</b>
<b>4. ANALISANDO OS DADOS E OS RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>32</b>
4.1 AFIRMAÇÃO DE SI ENQUANTO NEGRO.....	32
4.1.1 O RESPEITO BUSCADO.....	35
4.2 RACISMO MASCARADO EXISTE OU NÃO EXISTE?.....	36

4.3 ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU: SÍMBOLO LUTAS E RESISTÊNCIA.....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como temática “Associação Quilombola de Tijuacu: sua identidade diante das práticas de racismo”. Durante a realização deste estudo buscamos compreender como os membros desta organização se vê na esfera social em que vivem, frente às questões raciais mascaradas no Brasil.

A discussão apresentada é de suma importância não só para Comunidade Quilombola mencionado acima, mas sim para todos que sofrem com o racismo e sentem-se excluídos do meio social em que estão inseridos. Escutamos sempre a seguinte frase “vivemos em um país democrático, onde todos são tratados com igualdade”, isso não passa de palavras bonitas, que permanecem mais no papel do que na prática. O país que se diz democrático precisa de leis, para respeitar uns aos outros.

O negro precisou de leis para ser respeitado como ser humano. Essas facetas acabam fazendo com que o negro coloque em dúvida sua identidade e seu modo de ver os fatos que acontecem ao seu redor.

Portanto o nosso objetivo é analisar a identidade dos membros da Associação Quilombola de Tijuacu diante das práticas de racismo. Ressaltamos assim, o interesse nesse tipo de pesquisa desde 2º semestre de faculdade e o atual contexto em que estamos inseridos, o que se torna necessário aprofundar mais a discussão sobre a identidade do negro incluindo sua história de negação, sua cultura e sua contribuição na formação do povo brasileiro.

Nosso trabalho seguirá caminhos que nos levará a refletir acerca dessas situações citadas anteriormente na ansiedade de encontrar respostas para nossa inquietação.

No Capítulo I, focalizamos a vida do povo negro ao longo da história da sociedade brasileira, o sofrimento e as contribuições desses na formação de nosso país.

No capítulo II traçamos uma discussão baseada nos conceitos-chaves dessa pesquisa. Demonstrando a luta dos Afro-descendentes na construção de uma identidade positiva, a Associação Quilombola como força de luta e o racismo que ainda permanece.

No capítulo III apresentamos nosso locus e sujeitos de pesquisa e os subsídios metodológicos que nos serviram como base de apoio na construção deste trabalho.

No capítulo IV organizamos a interpretação dos resultados da análise de dados realizada através de instrumentos metodológicos, onde foi possível compreender como está a identidade dos membros da Associação Quilombola de Tijuçu.

Nas considerações finais procuramos mostrar nossas indagações sobre a identidade do negro diante do racismo mascarado, pois este trabalho será relevante nas discussões raciais e valorização do negro como ser humano. Nosso desejo é que este trabalho possa contribuir para que sejam feitas mudanças na nossa sociedade.

## CAPÍTULO I

### 1. PROBLEMATICA: O NEGRO AO LONGO DA HISTÓRIA

Sabemos que os negros trazidos para América, principalmente para o Brasil, ficaram sujeitos por muito tempo ao sistema de produção, sofrendo assim com a dominação e a perversidade do branco, começando assim uma história de marginalização e empobrecimento, cujas conseqüências se arrastam ainda hoje. Munanga (1988) nos demonstra muito bem quando diz que:

O negro foi reduzido, humilhado e desumanizado, desde início, em todos os cantos onde houve confrontos de culturas, numa relação de forças (escravidão X colonização), no continente africano e nas Américas, nos campos e nas cidades, nas plantações e nas metrópoles. Essa redução visava sua alienação, a fim de dominá-lo e explorá-lo com maior eficácia. (p. 32-33)

Foi desse berço de humilhações que surgiram os primeiros quilombos, na tentativa de se libertar da escravidão, os negros fugiam em busca de uma outra forma de vida nas matas, escondendo-se dos seus senhores, na busca de sua dignidade física e moral. Assim explicita Munanga e Gomes (2006):

Neste sentido, quilombo não significa refúgio de escravos fugidos. Tratava-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência resultante do esforço dos negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre. Os quilombolas eram homens e mulheres que se recusavam viver sob regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema (p.72).

Observa-se que, apesar da dominação e dos castigos a que estavam submetidos os negros escravos não eram passivos à própria situação e sempre resistiam, os quilombos demonstravam formas de se rebelar, contra as torturas que sofriam no seu dia-a-dia, pois os negros eram vistos como objeto em vez de sujeitos da sociedade. O povo negro se espalhou por todo país a procura de liberdade dando origem a várias Comunidades Quilombola. Porém por mais que se tente subestimar, não há como omitir a contribuição do negro africano para a cultura brasileira em seus diversos aspectos. Assim nos diz Chiavenato (1999):

A partir de 1575, quando surgiu o primeiro quilombo, centenas dessas comunidades de negros livres espalharam-se pelo território... Os negros fugiam, refugiavam-se nas mata e ali criavam uma comunidade. Surgiam roçados, casebres e logo em seguida uma força guerreira e uma organização política e social... (p.65)

A elite da época não admitia a fuga dos negros, pois se sentiam donos daqueles indivíduos, por esse motivo, os quilombos passaram a ser odiados pelos brancos, por significarem símbolo de resistência. A batalha passou a crescer causando várias mortes e enormes sofrimentos. Silva (1988) nos diz "... inúmeras comunidades quilombolas que lutavam cotidianamente pela afirmação de sua autonomia e pela libertação de seus integrantes. Destas, Palmares foi a Glória maior, mas não foi à única comunidade" (p.188).

Hoje as comunidades remanescente dessa história de resistência e afirmação são conhecidas como Comunidades Quilombolas, que tentam, seja através da tutela das políticas públicas afirmativas, seja pela luta dos seus integrantes, reconhecer e reconquistar seus direitos, buscando forças nos ideais de Zumbi<sup>1</sup> pela conquista da liberdade, os negros através de movimentos vão à luta na busca de reconhecimento e valorização a favor da desconstrução de sua imagem criada pelo branco, tentando firmar sua identidade dentro no meio cultural, social entre outros. Neste sentido Munanga (1988) nos relata que "a identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de ser negro, em dizer, de cabeça erguida: sou negro" (p.44).

A escravidão do passado gerou no inconsciente do ser humano o falso reconhecimento do negro como um ser inferior. Grandes avanços tecnológicos, pedagógicos e sociológicos têm acontecido na sociedade, mas a mentalidade do homem parece continuar a mesma, é indispensável deixar de observar na mídia o negro, ser representado por uma imagem estereotipada, ou seja, subalterna ao branco. Chiavenato (1999) nos diz que "o escravismo gerou uma ideologia fundamentada na redução do negro à condição de ser inferior" (p.73).

---

<sup>1</sup> Um líder negro do Quilombo de Palmares que morreu dia 20 de novembro de 1695, lutando pela conquista da liberdade sua e de seu povo.

Depois da escravidão os negros ficaram livres apenas dos castigos, mas o racismo vergonhoso continua presente perseguindo-os, depois das leis essas atitudes passaram a existir de forma mascarada. Ferreira (1999) nos fala que “a cor da pele e as características fenotípicas acabam operando como referências que associam de forma inseparável, raça e condição social, o que leva ao afro-descendente a introjeção de um julgamento de inferioridade...” (p.42).

Ainda nos deparamos com atitudes racistas, o negro enquanto pertencente dessa sociedade que se diz democrática muitas vezes é visto como aquele que não sabe, não tem, não pode entre outros estereótipos que favorecem uma identidade negativa. Assim explicita Cavalleiro (2006):

Há algum tempo, estudos e pesquisas apontam a presença de racismo e de discriminação racial em várias instituições socializadoras, como a escola, os meios de comunicação, a religião, o trabalho e, até mesmo, a família. Recentemente, os *sites* da internet tornaram-se mais um veículo para estimulação do ódio racial (p.82).

Vale ressaltar que esses afro-descendentes que vem ao longo dos séculos sofrendo negação e discriminação racial são os grupos humanos cuja identidade se estabelece com dois pólos: suas raízes africanas e sua inserção na realidade do novo continente ao qual está vivendo, a exemplo disso têm os afro-brasileiros etc. Assim nos relata Nascimento (2003) que “afro-descendente não só preserva a referência histórica e cultural como ainda indica os laços de identidade entre os descendentes de africanos em todo mundo” (p.21).

Percebemos que os negros, ainda são os que mais sofrem com as desigualdades sociais e atitudes racistas. O fenômeno do racismo influencia os seres humanos no modo de pensar e agir, prejudicando o desenvolvimento social, vários negros vivem em precariedade, perseguidos pelo tom de pele. Mesmo sendo considerada maior parte da população brasileira pelo censo do (IBGE, 2002), ainda percebem-se ideologias vergonhosas sustentada pela falsa democracia. Chiavenato (1999) nos afirma:

A ideologia do branqueamento não necessita mais de máscaras para justificar a marginalização do negro: ele já é negro e ponto final. Não é preciso esforço ideológico das classes dominantes para justificar teoricamente a “democracia racial”: a prática social sedimenta a teoria, e a alienação política aceita a prática social. (p.118)

Diante dessas falsas ideologias o povo negro foi a busca de seus direitos, principalmente na área educacional. No ano de 1996 com a nova LDB 9394/96 (Lei de Diretriz e Bases da Educação Nacional) conseguiu pouca contribuição para educação dos negros, pois ainda não trazia uma obrigatoriedade, mas só passaram a garantir os seus direitos na escola com a promulgação da lei 10639/03, que tinha como objetivo estabelecer nas Diretrizes de bases educacionais a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo de toda rede de ensino proporcionando mudanças de atitudes e valores quanto a questão ético-racial. Vale destacar o que explicita as Diretrizes Curriculares Nacionais (2005):

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática (p.17).

É indispensável dizer que o silêncio por parte da sociedade diante da cultura afro e do indivíduo enquanto negro tem trazido enormes prejuízos reforçando uma identidade negativa sujeita a atitudes racistas. Para Machado (2005) “o racismo é uma doutrina que enfatiza a superioridade de certas raças humanas, é a valorização generalizada e definitiva de algumas raças, havendo sempre prejuízos para a vítima e prevalência do acusador, a fim de justificar uma agressão” (p.26).

A cada dia percebemos que as leis não garantem a superação dos problemas, a partir do momento que paramos para observar as desigualdades sociais, logo percebemos as negligências, os negros são os que mais vivem em calamidade, pois é muito fácil apontar a pessoa que está ao nosso lado como racista, para esconder o nosso sentimento em relação a este fato.

Neste sentido vale refletir sobre a fala de Paixão (2006) que nos diz o seguinte:

No Brasil, como é sabido, vigora o mito de que vivemos efetivamente em uma sociedade livre do preconceito racial e do racismo em relação aos negros. Nas últimas três décadas, tal entendimento ficou cada vez mais desacreditado, tendo em vista as evidências de múltiplas formas de discriminação vivenciadas pela população afro-descendente de nosso país (p.23).

Percebendo então as negações sofridas, os negros começaram a lutar, buscando reconhecimento e valorização lutando a favor da desconstrução da imagem de submissão e passividade da história anterior como pressuposto da construção de uma identidade positiva. Candau (2002) diz que “identidade é, portanto, um conceito polissêmico, podendo representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica que pertencemos ao mesmo grupo” (p.58).

Atualmente os negros das comunidades quilombolas vêm se organizando através de associações para resgatar e manter sua cultura e seus direitos dentro da sociedade em todos os aspectos. No entanto Machado (2005) nos diz que só no Brasil há mais de 1000 comunidades negras já identificadas e na Bahia tem em 7 municípios, um deles é Senhor do Bonfim.

Dialogando com Munanga (1988), o negro precisa demonstrar quem realmente ele é, demonstrando sua garra de luta e justiça, levando adiante sua cultura que se apresenta na musicalidade, na dança, na religião, na culinária entre outros elementos.

Diante deste viés, buscamos na Comunidade Quilombola de Tijuáçu, respostas para nossas inquietações que tem nos acompanhado desde dos primeiros semestres do curso de Pedagogia, aliado a isso o interesse intimamente de uma ex-participante de uma Pastoral Afro, que vivenciou o fim da mesma por falta de interesse de pessoas que nasceram no berço da África e sofriam na pele atitudes racistas. Nesta busca incessante procuramos analisar a seguinte questão: Como se dá a afirmação de identidade na Associação Quilombola de Tijuáçu diante das práticas de racismo?

A frente disso temos como objetivo de pesquisa : analisar os processos de afirmação de identidade dos membros da Associação Quilombola de Tijuáçu diante das práticas de racismo .

Este trabalho torna-se relevante por trazer uma reflexão crítica em relação a falsa democracia racial, que acaba prejudicando os afros em todos os âmbitos, pois a nossa sociedade foi formada com a ajuda do povo negro, então torna-se necessário discutir sua história e sua marginalização mascarada.

## CAPÍTULO II

### 2. QUADRO TEÓRICO: EXPLORANDO CONCEITOS CHAVE

Frente a nossa problemática, que tem como objetivo: analisar os processos de afirmação de identidade da Associação Quilombola de Tijuáçu diante das práticas de racismo, procuramos confrontar nossos discursos com alguns teóricos para melhor embasarmos nossos conceitos chave: Identidade, Associação Quilombola de Tijuáçu e Racismo.

#### 2.1 IDENTIDADE: DISCUSSÕES DA PÓS-MODERNIDADE

Atualmente tem se discutido muito a identidade do ser humano, seja de uma forma individual ou de uma forma coletiva. Hall (1997) nos faz refletir sobre a identidade na atualidade, o mesmo comenta que ela pode mudar de acordo com o momento e a localidade, sendo que discuti-las é falar de algo complexo e incompreendido, pois falam muito da crise das velhas identidades, com a hipótese que a mesmas fragmentam os seres humanos. Assim diz Carneiro (1993):

A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais se construirá uma identidade social para esses diferentes indivíduos (p.3).

A identidade do indivíduo não se constitui de uma forma isolada e permanece em constante transformação, pois nunca está acabada, precisa ficar sempre em reconstrução para manter seus laços de origem. Ela é a idéia que o ser humano tem do seu "EU". Além disso, precisa ter uma unidade de integração positiva, pois é através da aceitação histórica dos fatos acontecidos no decorrer de sua vida que acontece uma das principais fomentações do EU, se o indivíduo não se aceita como tal acaba deixando lacunas para a existência de estereótipos. Como relata Silva *Apud* Cavalleiro (2006):

Cada pessoa constrói o seu modo próprio de ser, viver, conviver, isto é, a sua identidade, ao ir pondo sentido nos objetos, nos acontecimentos, nas relações entre pessoas, entre elas e a natureza. Este gesto, renovado continuamente ao longo da existência, de significar o mundo, se produz no ambiente da família e da comunidade, sendo informado pela classe social, pelos grupos de gênero e de raça de que se faz parte (p.182).

É notório perceber a grande influência da sociedade na construção da identidade humana, por meio das trocas de informação que acontece nas relações sociais o homem cria e recria sua auto-estima muitas vezes mudando até sua maneira de pensar. Wexler (1995) diz: “o que vemos é a forma como a identidade é criada como uma compensação defensiva ao fracasso das modernas relações sociais” (p.172).

A partir do momento que o ser humano perde sua identidade ele desaparece, pois perde o essencial do seu íntimo que é na verdade sua cultura, sua religião entre outros elementos vitais para sua sobrevivência, e fazer uma auto-formação dessa identidade provavelmente levará algum tempo. Assim descreve Wexler (1995):

O mundo não- cognitivo, intersubjetivo, através do qual a identidade é interativamente formada, é também “superficializado” (...) No momento em que esses futuros estão sendo projetados, perde terreno a identidade pessoal interativamente formada nas instituições sociais existentes, sem que tenha sido totalmente estabelecida a nova identidade \_ de estilo de vida sadio que complementa a identidade do pós-modernismo (p. 169).

Essa concepção afeta a identidade dos negros até os dias de hoje, eles já eram discriminados, marginalizados, mas o preconceito maior passou a existir no momento que houve uma legalização de sua cidadania, porque esta se constituiu de uma forma reduzida, da condição de escravos a de não escravos, vindo a existir a falsa democracia racial. Assim explana Gomes (2002) sobre os conflitos inerentes à construção da identidade negra:

É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela nossa própria identidade (s/p).

Muitas vezes a diferença étnica do negro em relação ao branco é considerada deficiência, gerando grandes implicações que ajudam a crescer o índice de racismo mascarado. Então a partir do momento que o negro visualiza essa discriminação, ele passa a negar sua identidade de origem africana identificando-o com a branquitude.

A principal dificuldade enfrentada pelos negros na construção de sua identidade é sua auto-afirmação eles vivem no mundo dos falsos democráticos que na presença dizem colaborar com sua luta e na ausência ajuda na expansão da exclusão, esse aspecto muitas vezes faz o afro-descendente entrar em contradição com o seu eu, apesar de todas as transformações sociais os negros ainda são considerados mazelas da escravidão. Hall (2003) deixa claro em uma de suas falas os estigmas que sofreu durante sua formação por ser um indivíduo de cor negra e de classe média baixa, o incomodo que vivenciou por ser negro.

A identidade do negro só passa a ser construída quando ele se opõe ao opressor, ou seja, quem tenta lhe marginalizar mascaradamente ou não, assumindo sua postura de negro como um outro ser humano qualquer. Novamente trazemos Gomes (2002) que salienta muito bem essa questão:

A identidade negra é também uma construção política. Por isso, ela não pode ser vista de forma idealizada ou romantizada. O que isso significa? Significa que, no contexto das relações de poder e dominação vividas historicamente pelos negros, no Brasil e na diáspora, a construção de elos simbólicos vinculados à uma matriz cultural africana tornou-se um imperativo na trajetória de vida e política dos(as) negros(as) brasileiros(as) (s/p).

Nesse sentido percebemos que o negro opera a construção de sua identidade dentro de uma sociedade onde prevalece a ideologia da branquitude, essa é uma das barreiras que dificulta o processo, pois antes de lutar contra a sociedade, ele precisa brigar contra ele mesmo.

A construção de uma identidade positivamente afirmada é um caminho muito difícil para o afro-descendente, pois o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para eles é muito complicado, já que grande parte da sociedade compartilha com a marginalização desses seres.

## 2.2 ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU.

Tijuaçu está situado a 23 Km do centro de Senhor do Bonfim- BA a margem da BR 407 e a 376 Km da Cidade de Salvador. Esta comunidade começou a passar pelo processo de reconhecimento como remanescente de quilombo a partir de 1998, mas só em 28 de Fevereiro de 2000 que é publicado no Diário oficial o reconhecimento pela Fundação Palmares de Tijuaçu como comunidade quilombola. Essa notícia foi uma vitória para o povo desse distrito.

Diante desse reconhecimento a população do antigo Lagarto<sup>2</sup> começa a se organizar fundando a Associação Quilombola de Tijuaçu e adjacências em abril de 2000 com o objetivo de manter-se a comunidade de forma organizada lutando por seus direitos negados e oportunidades de melhor sobrevivência. Assim diz Miranda (2009):

A Associação Quilombola tem conquistado espaço enquanto órgão representativo, procurando atender às reivindicações da comunidade e defendendo os direitos desses remanescentes. Nessa perspectiva é realizado um trabalho comunitário sintonizado com a população (...). Nessas reuniões, discutem-se os problemas que afligem a população, os projetos que estão chegando a Tijuaçu, como administrá-los, as informações oriundas da Fundação Cultural Palmares, da Unegro e de outros órgãos que tem relação com a cultura afrodescendente (p.59)

Inicialmente a Associação Quilombola de Tijuaçu e adjacências começou com pessoas de Tijuaçu, atualmente conta com mais de 800 sócios que vivem em Tijuaçu e nas comunidades de Alto Bonito, Água branca, Macaco 1 e 2, Lajinha, Barreiras, Olaria, Conceição, Queimada grande, Fazenda Capim e Quebra Facão.

A população de Tijuaçu já passou por grandes dificuldades sociais, mas hoje tem conseguido respeito e também vários benefícios, por exemplos, projetos de agricultura familiar, cestas básicas, máquinas de costuras para criação do pólo de costura, entre outras conquistas tudo isso através de lutas reivindicadas pela própria Associação.

---

<sup>2</sup>Primeiro nome dado a comunidade que hoje chamamos de Tijuaçu

Além disso, os quilombolas de Tijuáçu também conseguiram a demarcação de suas terras no ano de 2010, legalização essa que vem sendo buscada desde 2007. Para Miranda (2009) “as comunidades negras começaram a buscar reconhecimento como remanescente de quilombo a partir da década de 90” (p.20).

O grande apoio da Associação Quilombola de Tijuáçu é a Fundação Cultural Palmares incentivadora para a criação desta, ajudou a conhecer o verdadeiro sentido do quilombo, pois a população estava muito restrita a própria comunidade, não se reconheciam como negros sentiam-se excluídos precisava abrir-se a nível de perímetro quilombola para que mudanças viessem a ocorrer.

No início da nossa pesquisa a Associação tinha como presidente Valmir dos Santos que também é ex-presidente e a frente desta tem lutado com muita garra e força de vontade, com a finalidade de ver Tijuáçu com imensas melhorias e transformações, mas o seu mandato terminou no início de 2011 e através de assembléia, a cadeira da presidência passou a ser ocupada por Suzana Fagundes em Fevereiro de 2011 que antes era vice-presidente, a mudança ocorreu através de votação, a democracia é muito vívida dentro dessa comunidade.

Temos também outras pessoas que colaboram com o desenvolvimento da associação, como, por exemplo, as lideres quilombolas, ficando estas duas em cada rua responsáveis, por exemplo, para anunciar aos outros as datas de reuniões entre outros acontecimentos, umas muito destacadas por estar a frente do samba de lata é o caso de Detinha, Ilca e Joinha.

A Associação também conta com um diretor de cultura Vanildo dos Santos responsável pela parte cultural da comunidade, fica a cargo dele organizar as viagens dos grupos de danças entre outras atividades, ele que é formado em dança pelo grupo ilê aê e mostra-se muito dedicado e esforçado pelo desenvolvimento de sua comunidade.

Dentro da Associação Quilombola de Tijuáçu percebemos a união, o dinamismo vívido despertado através do samba de lata e outras crenças e tradições

culturais, o povo de Tijuacu hoje em dia é exemplo de heroísmo, resistência e batalhas.

### 2.3 RACISMO

A existência do racismo vem prejudicando parte da sociedade a muito tempo, essas questões racistas foram geradas a partir da diferenciação de raças criadas por pensadores afim de discriminar grupos sociais considerados inferiores. Um exemplo disso é o pensamento de Aristóteles citado por Chiavenato (1999), onde acreditava que certas raças nasciam para a escravidão, esse argumento desse filósofo leva-nos a perceber a dimensão de tempo que tem a origem dessa ideologia.

Após a promulgação da Constituição de 1988, o Brasil busca efetivar a condição de um país democrático dando ênfase a cidadania e a dignidade da pessoa humana, contudo, ainda possuiu uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de racismo aos afro-descendentes, que, historicamente, enfrentam dificuldades para o acesso nas escolas, a trabalho entre outros.

Assim o racismo tem se perpetuado ao longo dos séculos por toda sociedade, atingindo principalmente as classes populares, deixando marcas geradoras de conflitos e exclusão, fomentando cada vez mais a desigualdade social.

Nessa linha de discussão Munanga e Gomes (2006) expõem seu conceito em relação ao racismo:

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultante da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplo disso são as teorias raciais que serviram para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial (p.179).

Visto que as práticas de racismo no Brasil hoje agem de forma mascarada, é imprescindível observarmos as ações da mídia, que legitima as desigualdades sociais, instigam os estereótipos contra o negro, o que favorece os preconceitos

ainda existentes. A fala De Cavalleiro (2001) visa muito bem à concepção de racismo:

O racismo no Brasil é um caso complexo e singular, pois ele se afirma por meio de sua própria negação. Ele é negado de forma veemente, mas mantém-se presente no sistema de valores que regem o comportamento da nossa sociedade (...) não podemos desconsiderar essa ambigüidade do racismo brasileiro. Precisamos compreendê-la, desvendá-la e combatê-la (p.92).

Sendo que no nosso país a parcela de pessoas que mais sofrem com essas marginalizações são os negros, onde hoje chamamos de afro-descendentes por ser uma geração descendente dos primeiros africanos que chegaram ao nosso país no período da colonização e também os primeiros a sofrerem com toda essa marginalização. Como destaca Munanga (1988):

A desvalorização do negro colonizado não se limitará apenas a esse racismo doutrinal, transparente, congelado em idéias, à primeira vista quase sem paixão. Além da teoria existe a prática, pois colonialista é um homem que tira partido da experiência. Vive-se o preconceito cotidianamente. Conjunto de condutas, reflexos adquiridos desde da primeira infância, valorizada pela educação, incorporou-se o racismo colonial tão naturalmente aos gestos, às palavras, mesmos as mais banais, que ele parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista (p.20).

Observando as diferenças demográficas, a parcela da sociedade que vive na pobreza é formada em grande parte por negros que não tiveram e não tem oportunidades de melhorias de vida. Esse racismo se faz presente em todos ambientes(escola, empresas, hospitais entre outros), por exemplo: nas empresas é mais visível o número de funcionários de cor branca e quando tem pessoas de cor negra geralmente essas ocupam lugares de posição diferenciado do branco. Paixão (2006) deixa bem claro uma demonstração de racismo na saúde pública brasileira:

O atendimento às gestantes no Brasil, infelizmente, apresenta-se bastante diferenciado, de acordo com raça/cor das mães. Por exemplo, uma pesquisa realizada pela Fundação Osvaldo Cruz, em parceria com a prefeitura do Rio de Janeiro nos hospitais públicos e privados da cidade do Rio de Janeiro, com 10 mil mulheres, imediatamente após o parto, entre os meses de julho de 1999 e março de 2001, mostrou que o percentual de gestantes brancas que não receberam anestesia no parto normal foi de 5,5%. Entre as gestantes negras esse percentual foi de 11,1% (p.27)

O racismo tem provocado diversos problemas, muitos jovens negros não conseguem emprego devido sua cor, esse aspecto pode levar os mesmos a seguir outros caminhos, como levar a vida cometendo atos violentos e usar drogas, ou seja, a revolta pode causar neles o próprio estigma de incapacidade.

Além disso, a escola, que deveriam ser percussora no combate ao racismo, também tem incorporado essas situações de forma mascarado, isso tem ficado bem claro, a dificuldade de aceitação por parte de alguns professores em trabalhar conteúdos da cultura africana e afro-brasileira, mesmo percebendo dentro desse espaço a presença de crianças negras que muitas vezes não se aceitam devido as discriminações sofridas na rua e por colegas de classe. Algumas mudanças só têm acontecido devido à criação de leis que garante esse trabalho nas escolas. Segundo Cavalleiro (2001) essa responsabilidade de combate ao racismo não pode ser entregue somente a escola, mas que ela pode fazer um bom trabalho em relação a esse fato:

O desejo permanente de refletir com educadores a temática racial não significa que eu entenda que os prejuízos da população negra se dão unicamente no espaço escolar, tampouco que eu pense que os profissionais da educação são os únicos responsáveis pela disseminação do racismo na sociedade. Ele se deve ao fato de perceber o professor como um forte aliado para formar cidadãos livres de sentimentos racismo (p.141).

Portanto não adianta fingirmos, a sociedade brasileira ainda é racista. O velho ideário “respeitamos todos igualmente” não passa de uma falácia, é somente uma forma que encontramos para justificar e encobrir nossos atos e ações preconceituosas. Como diz Munanga e Gomes (2006) em relação essa mascaração:

O racismo no Brasil se dá de um modo muito diferente de outros contextos, alicerçado em uma constante contradição. As pesquisas, histórias de vida, conversas e vivências cotidianas revelam que ainda existe racismo em nosso país, mas o povo brasileiro, de modo geral, não aceita que tal realidade exista. Dessa forma, quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo em nosso país, mais ele se propaga e invade as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais e educacionais dos negros (p.181).

As marcas racistas de vez em quando aparecem nas falas de algumas pessoas, por exemplo: “de branco só tem os dentes”, “é preto, mas é bonitinho”, esse tipo de comentário implica e muito na auto-imagem do negro, basta nos

colocarmos nessa posição para senti o peso dessas frases, o quanto é humilhante ouvir algo desse tipo. A partir de fala desse tipo emerge muitos problemas sociais os quais o único prejudicado é o negro. Um exemplo bem forte de racismo apareceu em todos os jornais e canais de televisão, quando o presidente dos EUA foi eleito, a frase mais ouvida era a seguinte “pela primeira vez um negro chega ao poder”, esse discurso visava o espanto da sociedade, dava a entender que certas pessoas acreditavam ser impossível um negro chegar ao topo da esfera política.

Ao evidenciar os grandes personagens negros, descendentes de africanos que deixaram marcas na história de nosso país, evidenciamos que eles foram mais aceitáveis pela sociedade que faz parte da música popular, do carnaval ou nos esportes. Visto que essa é uma pequena parcela da população negra que conseguiu algum status social. Cunha Jr. (1992) define brilhantemente racismo como “uma prática que reproduz na consciência social, falsos valores e falsa verdade e torna os resultados da própria ação como comprovação dessas verdades falseadas” (p. 149).

As práticas racistas contra ao negro vão contra toda herança cultural, a religião, as danças, a comida, a música entre outros. Para Munanga e Gomes (2006) “quando aplicamos esse tipo de pensamento ao povo negro, estamos, na realidade, reproduzindo racismo” (p.181).

Desta maneira se afirmarmos que não existe racismo estamos colaborando com a expansão dele em toda sociedade.

## CAPÍTULO III

### 3. METODOLOGIA – BASE DE CONSTRUÇÃO

Compreendemos metodologia como o processo pelo qual se pode alcançar um fim determinado, no nosso caso a pesquisa. Como afirma Minayo (2003): “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”.

Sabemos que a pesquisa não é algo estático, pois ela vai desde a simples busca a um amplo estudo da realidade, através dela o pesquisador analisa e investiga ampliando com novos argumentos seu foco de pesquisa, ou seja, busca respostas para suas inquietações. Assim argumenta Gil (1991):

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (p.19)

Então, para alcançar o objetivo da pesquisa, torna-se necessário que o pesquisador faça um confronto entre os dados adquiridos com o sujeito no lócus pesquisado e a discussão teórica. Como diz Gil (1991), “... uma pesquisa sobre problemas práticos pode conduzir a descobertas de princípios científicos”. (p.19)

É visto que para obter um bom resultado, a pesquisa tem que ser bem elaborada, através da utilização de métodos adequados. Cervo (2007) relata, “em seu sentido mais geral, método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários, para atingir certo fim ou um resultado desejado.” (p.27)

A pesquisa é um estudo minucioso, de uma realidade que nos permite desenvolver a reflexão através de críticas construtivas. Por isso precisamos escolher métodos que nos ajude a construir e reconstruir a realidade, identificando problemas e complexidades do meio social.

### 3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa realizada foi do tipo qualitativa, pois o objetivo da investigação estava respaldada em trabalhos de campos, observando e analisando principalmente a auto-afirmação dos sujeitos, apesar de ter adentrado na utilização de porcentagem para a quantificação de alguns dados. Para Michaliszyn (2005):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A abordagem qualitativa, ao contrário da quantitativa, aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas. (p.57)

É visto que a pesquisa qualitativa está atrelada aos significados das relações dos sujeitos, o que se torna difícil quantificar. Para Ludke e André (1986) “a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada”. (p.13)

Nessa mesma linha de discussão destaca Minayo (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalizações de variáveis (p.22)

A pesquisa qualitativa é de fundamental importância para o desenvolvimento de uma pesquisa, pois ela facilita uma maior aproximação entre o pesquisador e os sujeitos, esse é um dos aspectos que ajuda na maior obtenção de dados para o crescimento da pesquisa.

### 3.2 LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Associação Quilombola de Tijuaçu, situada na rua do Fundec na Comunidade Quilombola de Tijuaçu.

Tijuaçu está localizado a 23 km do centro de Senhor do Bonfim, às margens da rodovia Lomanto Júnior, em direção a Salvador, ou seja, a 376 Km da capital baiana, esse distrito está situado na região do semi-árido.

A comunidade negra de Tijuaçu cujo significado do nome é relativo a um grande lagarto na linguagem indígena, chamado na região de teiú. Ela é formada pela vila e por alguns povoados que o cercam. Segundo depoimento de algumas pessoas esta surgiu no século XIX depois que uma senhora negra chamada Mariinha Rodrigues chegou fugindo dos martírios da escravidão alojando-se onde hoje chamamos de Alto Bonito, e a partir daí deu início ao povoamento desta localidade.

A escolha do lócus se deu por ser uma sede de organização, onde todos os membros são afro-descendentes e está situada dentro de uma comunidade de origem quilombola.

### 3.3 SUJEITOS PESQUISADOS

A Associação Quilombola de Tijuaçu tem mais de 800 sócios, então visando a quantidade de membros desta organização e a demanda de tempo seria um número muito alto para se trabalhar, por isso delimitamos nossa pesquisa com 6,25% que equivale a 50 sujeitos, todos afro-descendentes, viventes nesta comunidade e em outras que fazem parte desta organização. São pessoas humildes que sobrevivem da agricultura e se destacam na produção dos deliciosos acarajés. Além disso, são responsáveis por uma das mais bonitas manifestações culturais do município de Senhor do Bonfim que é o samba de lata.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A utilização desses instrumentos tem como propósito obter informações para o desenvolvimento desta pesquisa. Pois compreendemos que esses são ferramentas de extrema importância para alcançar o nosso objetivo. Como os sujeitos são adultos utilizamos a Observação participante, questionário fechado e entrevista semi-estruturada. Além disso foi necessário a utilização da análise

documental, por exemplo, atas da Associação, para uma maior facilitação de dados. Para uma maior compreensão de instrumentos de coletas de dados citamos Rúdio (1998) que afirma o seguinte:

Chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para coleta de dados. Para que se possa ter confiança em aceitar as informações de um instrumento de pesquisa, este precisa ter as qualidades de validade e fidedignidade. Diz-se que um instrumento é válido quando mede o que pretende medir e é fidedigno quando aplicado à amostra oferece contentamente os mesmos resultados (p.114).

A observação participante foi essencial nesse trabalho, pois esta tem o intuito de coletar todos os dados, além de aproximar o pesquisador do sujeito pesquisado desde cheiro aos aspectos físicos, além de aproximar o pesquisador do sujeito pesquisado. Neste sentido afirma Ludke e André (1986):

O observador como participante é um papel em que a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início. Nessa posição, o pesquisador pode ter acesso a uma gama variada de informações, até mesmo confidenciais, pedindo cooperação ao grupo (p.29).

Na observação participante o pesquisador tem um contato maior com os sujeitos, isso facilita o seu desempenho na elaboração da pesquisa. Cervo (2007) nos diz:

Observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso. A observação é de importante capital nas ciências. É dela que depende o valor de todos os outros processos. Sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzir à simples conjuntura e adivinhação (p.31).

Os momentos vivenciados na Associação Quilombola fazendo observações como participante foi extremamente riquíssimo para desenvolvê-lo da pesquisa.

Destacamos também a Entrevista semi-estruturada como um elemento que nos ajudou a dar mais certeza aquilo que nos inquietava. Muito utilizada nas práticas de pesquisas qualitativas, esse tipo de instrumento permite que o pesquisador valorize as falas do entrevistado, os gestos entre outras ações que são fundamentais para a obtenção de dados. Assim diz Triviños (1987):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (p.146)

A entrevista semi-estruturada possibilita ao entrevistador maior liberdade para desenvolver a pesquisa de forma clara e precisa, possibilitando assim diagnosticar os problemas sociais a que os sujeitos estão submetidos. Dentro dessa perspectiva Marconi e Lakatos (1996) ressaltam: “A entrevista é o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversão de natureza profissional” (p.84).

Além disso, também trabalhamos com análise documental, onde foi possível através de atas, estatuto e outros documentos com a finalidade de identificar o número de sócios que tinha a Associação Quilombola no início, o total que temos na atualidade e os objetivos dessa organização. Neste sentido diz Ludke e André (1986) “a análise documental pode constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (p.38).

Todos os métodos utilizados foram de extrema importância para a conclusão deste trabalho.

### 3.5 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O desenvolvimento da pesquisa foi realizado por etapas, primeiramente trabalhamos com observações feitas nas reuniões da Associação e visitas nas residências de alguns sócios, onde podemos conhecer melhor os sujeitos através de conversas informais que se tornaram significativas, pois podemos perceber seus sentimentos, suas opiniões e o modo de pensar de cada um em relação à temática. Visto que já conhecíamos alguns sujeitos, de outros trabalhos que realizei em uma das escolas desta comunidade, isso nos ajudou bastante, facilitando a obtenção de informações.

Em seguida procuramos trabalhar com o questionário fechado, as pessoas que sabiam ler pedíamos que o próprio fizesse a leitura e respondesse, já os que não dominavam a leitura nos líamos junto com um membro da família e íamos anotando a resposta.

A última etapa foi à entrevista semi-estruturada, esta foi realizada no final já que essa dependia de mais tempo, paciência e disponibilidade do sujeito. A captação da fala minha enquanto entrevistadora e dos entrevistados necessitou de um gravador digital, em seguida as respostas foram transformadas em escrita. Sendo esta a parte mais importante para análise e interpretação de dados até chegar o resultado da pesquisa, visto que, muitos resistiram a falar, pois já foram vítimas de outros indivíduos que diziam serem pesquisadores e utilizaram os diálogos desse povo de forma distorcida, ou seja, escreveram algo que não foi dito.

O desenvolvimento da pesquisa teve alguns entraves, as mudanças de datas das reuniões devido o tempo e os problemas de saúde do presidente. Isso dificultou um pouco o andamento da pesquisa, pois necessitava do acompanhamento desta pessoa, mas a pesquisa conseguiu chegar a onde gostaríamos de alcançar.

As caminhadas até Tijuaçu não foram cansativas, mas sim interessantes a cada ida a Tijuaçu descobríamos algo novo para a nossa pesquisa. Sem dúvida a dificuldade maior foi analisar os dados coletados de forma minuciosa a fim de interpretá-los e compreendê-los.

## CAPÍTULO IV

### 4. ANALISANDO OS DADOS E OS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresentaremos os dados coletados e os resultados a partir destes. As respostas que tivemos foram adquiridas através dos instrumentos utilizados, sendo que as informações foram de grande valia para a realização deste trabalho.

Nosso estudo voltou-se para busca de respostas possíveis, visto que nenhuma pesquisa é o fim de uma indagação, mas sim o lance de uma abertura para outros possíveis questionamentos. Por esse motivo a nossa principal indagação foi perceber como se dá a afirmação de identidade na Associação Quilombola de Tijuacu diante das práticas de racismo. A fim de adquirir os resultados utilizamos a observação participante, questionário fechado, a entrevista semi-estruturada e análise documental.

Portanto o resultado do nosso trabalho gira em torno dos dados coletados com os sujeitos identificados como (P1, P2...P10) onde o “P” significa pessoa e o número a ordem que ocorreu a entrevista, sendo as falas obtidas na entrevista os principais elementos para finalização desta pesquisa que apresentaremos através de categorias que mostraremos a seguir.

#### 4.1 AFIRMAÇÃO DE SI ENQUANTO NEGRO.

Trazemos nessa categoria os resultados referente a questão da identidade, a auto-afirmação dos sujeitos enquanto seres de cor negra. Nesse momento fazemos uma relação com os questionamentos do Questionário fechado e Entrevista semi-estruturada, onde foi possível chegar aos seguintes resultados.

Quando perguntamos no questionário fechado se os sujeitos consideravam-se negros de um total de 50 (cinquenta), 100% responderam que sim e também gostavam de ser negro. Utilizamos na Entrevista semi-estruturada um total de dez

peças, as mesmas que participaram do questionário, e de início perguntamos: quem é você? E 80 % disseram o nome acompanhado da palavra negro, isso mostra que Associação Quilombola de Tijuçu e adjacências está se tornando não só um lugar de reivindicações, mais espaço de consolidação de afirmação de identidade. Podemos perceber nas falas dos entrevistados:

- Sou (fulano), negro quilombola residente em Tijuçu (P1).
- eu sou (fulana) do samba de lata, lavradora, mim sinto muito bem com minha origem, com minha cor negra (P4).
- Eu sou (fulano), negro, 27 anos, sou uma das pessoas que também dei início na Associação quilombola, hoje sou diretor de cultura da Associação (P9).
- Sou uma pessoa humilde de cor negra, moro no quilombo, aqui é reconhecido como quilombo e a gente tem o objetivo de ser reconhecido mais na frente ter mais reconhecimento, que a gente mais precisa, ver se acaba esse racismo (P6).

Assim Bhabha (1998) explicita seu posicionamento em relação à definição de identidade:

O questionamento de nossa identidade é inexoravelmente precedido por uma tomada de 'consciência' das estruturas que alicerçam nossos processos de constituição. No entanto, essa prática de (re) definição de si surge, apenas, nas experiências dos sujeitos no "intervalo entre a recusa e a designação" (p.85).

Nos discursos percebemos o orgulho por ser negro, esse povo já não baixa a cabeça para os entraves sociais, eles próprios assumem sua negritude, têm conhecimento do que é ser negro e não ficou visível vergonha por serem pertencentes a quilombo, isso é um elemento positivo, pois sabemos que muitos ainda enxergam o negro como um intruso. E assim na entrevista 80% disseram que a cor não atrapalha. Veja a seguir:

- Atrapalha não, antigamente na minha adolescência eu ficava pensando esse povo branco não é mais legal com a gente é por causa da minha cor e colocava aquilo na mente, se eu fosse mais clara era melhor, para esta no meio das amigas brancas, mas agora que eu já estou com meu juízo mais apurado que eu já sei sobre minha origem negra que é uma cor muito boa , ta vendo eu agora já estou com 53 anos, as vezes quando eu vejo uma pessoa branca eu mim sinto que estou jovem demais (P4).
- Pra mim não, se deus mim fez assim todo mundo tem que mim aceitar assim e eu mim aceito como negra (P3).
- Não, eu acho que não atrapalha ninguém. (P5)
- Olha é assim existe grupos que na verdade eles tende a fazer de tudo pra assegurar o povo negro, até hoje ainda existe isso, mas isso vai depender da pessoa que esta a frente daquele movimento se for uma pessoa de

cabeça erguida, confiante de se, acredita nos seus direitos e na realidade, jamais isso vai lhe atrapalhar. (P1)

Visto que assumir que tem a cor negra já é um longo passo, mas não é o suficiente para que se reconstrua uma verdadeira identidade, é preciso ir, além disso, não ter vergonha de fazer parte do candomblé, não sentir-se mal com o cabelo, lutar pelos seus direitos entre outros elementos. Como expressa Gomes (2002): “ser negro e afirmar-se negro, no Brasil, não se limita à cor da pele. É uma postura política” (s/p).

Nesta mesma linha de pensamento citamos os argumentos de Souza (1983) que diz o seguinte:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração (p.77).

A população de Tijuáçu representado pela Associação Quilombola está mostrando que realmente está vivendo a tomada de consciência, percebemos suas lutas, seu reconhecimento dentro e fora do país, não demonstra amedrontamento, corre atrás de suas melhorias e contesta contra aqueles que procuram cortar seus direitos, esse é um dos motivos que tem feito esta adquirir respeito e entrar junto a sua comunidade no processo de construção de identidade. Assim esclarece Maheirie (2002):

Interrogar a identidade, ou, em outras palavras, interrogar “Quem e O quê sou eu? Quem e O quê somos nós, Quem e O quê são os outros?”, configura-se como um exercício de (re) elaboração e de constituição de si, enquanto sujeito singular e coletivo, sendo dessa maneira, um processo *comum* a todos os seres humanos (s/p)

Quando eles falam que conhecem o que é ser negro, significa que eles estão se questionando, buscando saber sua história, o porquê de sofrer tanta indiferença e o porquê dos mitos relacionados a sua vida, ou seja, estão criando sua identidade. Para Cavalleiro (2000) esta se constrói de forma dinâmica e também de forma gradativa.

Ressaltamos algumas declarações de 70% dos sujeitos entrevistados, uns dizem já ter sofrido racismo outros já presenciaram alguém da sua família passando por isso e contam como isso ocorreu, percebemos nas falas que isso foi algo entristecedor e humilhante também, notamos que isso não ocorreu em um único lugar, e um dos mais citados foi a escola, ela que deveria ser o referencial contra isso. Eis algumas falas:

- Demais. Na escola, no trabalho, na rua. (P7)
- Minha filha já teve, já foi discriminada dentro da sala de aula e muitas vezes discriminada por várias pessoas. (P3)
- Olha preconceito comigo, eu já no colégio, um professor ele olhou pra mim no primeiro ano do ensino médio, pra mim e minhas colegas, nós estávamos subindo o primeiro andar do colégio o Estadual e o professor perguntou para onde nós estávamos indo e eu respondi pra sala. E ai ele perguntou, vocês passaram de ano? Quem passou vocês? Então eu analisando com minhas amigas, isso foi um ato de preconceito, horrível, porque ele ainda falou assim, vocês não passaram porque vocês não passaram na minha disciplina e desde de quando ele não era professor da gente, então isso machucou e descemos e ficamos no pátio do colégio pensando porque ele nos dirigiu assim. (P8)

Desse modo percebemos o quanto o racismo tem marcado a vida do negro, o que deveria ter acabado com a abolição continuou presente, a liberdade desse povo ficou entre aspas, tornou-se muito massificadora. Isso pode vir a acabar se o povo negro continuar lutando, reivindicando para que mudanças possam acontecer, porque sabemos que é um processo lento e longo.

#### 4.1.1 O RESPEITO BUSCADO

Atualmente 100% dos sujeitos acreditam que ainda existe racismo, se eles percebem isso é porque algum tipo de preconceito racial ainda se faz presente, porém verificamos que 90% sentir-se respeitado. Vejam os argumentos:

- Assim, ainda existem muitas pessoas que não reconhecem pessoas preconceituosas, racistas, infelizmente em pleno século XXI a gente ainda convive com pessoas que ainda tem esse pensamento mesquinho, mas eu mim sinto respeitado (P1).
- Com certeza a gente que tem um trabalho assim, que as pessoas vê lutando pela comunidade com certeza eles olham pra você de forma diferente, a gente não se encontra em nenhuma bagunça, estamos sempre lutando através de projetos, movimentos culturais, com encontros, com palestra dessa forma a gente está sempre mobilizando a comunidade (P9).

Numa primeira análise e quanto ao alto potencial de respondentes que se declararam, respeitados poderíamos sustentar uma contradição, mas essas falas nos levam a entender, que são as reivindicações de direitos buscadas pelos próprios negros que está criando esse respeito, as leis foram criadas a partir de suas lutas e através delas a população está tendo que respeitar, significa que a sociedade está praticamente sendo forçada a não admitir que sente racismo: vale destacar a fala do (P9):

- são pequenas coisas, existe coisas maiores que isso, mas a gente disfarçar, faz de conta que não existe, até o determinado momento que nos ofende de uma forma pejorativa, aí nós procuramos nossos direitos nós que não somos bobos nem nada, procuramos as leis do nosso Brasil. (P9)

Nesta linha de pensamento vale citar Paixão (2006) quando diz que:

Portanto, podemos considerar que o enfrentamento das questões derivadas das relações éticas e raciais encontra-se, certamente entre os maiores desafios da humanidade no século XXI. Está na ordem do dia a busca de soluções que levem a superação de todas as formas de preconceito, racismo e intolerância, motivadas por razões nacionais, éticas raciais, religiosas e de outra natureza. Essa realidade é válida tanto para o mundo como para o Brasil (p.23)

E esse desafio expressado por Paixão é um processo longo, complicado e difícil de resolver, porque para mudar o pensamento do ser humano precisa desconstruir as velhas idéias a fim de construir novas.

#### 4.2 RACISMO MASCARADO EXISTE OU NÃO EXISTE?

A sociedade tem procurado demonstrar que o racismo não faz parte do nosso meio, que é algo acabado, que essas ações ficaram na época da escravidão. Por isso para compreender e analisar esse aspecto fomos buscar respostas e opiniões daqueles que tiveram seus antecedentes humilhados e ainda são vistos como estigma da escravidão. Enfim tanto no questionário quanto na entrevista semi-estruturada 100% dos sujeitos acreditam que o racismo está presente entre nós, mas de uma forma mascarada. Eis as vozes da Associação de Tijuacu:

- Olha o racismo hoje está sendo reciclado, mas educado a pessoa está se educando já não falam aquelas palavras que falavam antigamente, mas eu acredito que o racismo ainda não acabou, ele está incubado. (P8)

- O racismo aqui em Tijuacu ainda continua, não da mesma forma de antes, mas ainda existe. Porque hoje em dia o pessoal tem medo de chegar assim e dizer olha o nego, o nego vem ali, mas ainda existe o racismo de várias formas eles tem medo de dizer, mas agente ver na forma quando tem uma festa de gente branco o negro é excluído dentro da nossa comunidade. (P2)

- Olha eu vejo assim que o racismo aqui mesmo na comunidade acabou um pouco mas não totalmente, ainda existe, tem pessoas brancas que moram aqui na comunidade que sabem o nome das pessoas mas chama de negro. (P10)

- Não, o racismo nunca acabou. O racismo apaliou, porque muitas pessoas estão lutando, pra que a gente tenha um país digno, sem problema de racismo, de preconceito, mas ele não acaba assim. (P3)

- Ele não acabou de forma alguma se você observar o racismo tá de uma forma disfarçada existe racismo todos os dias, se você observar a cada 5 minutos os baianos sofre racismo. (P9)

As revelações dos entrevistados levam-nos a compreender que o racismo ainda está presente entre nós e de uma forma mascarada, só ouvindo o próprio negro é que visualizamos a hipocrisia do nosso país, o fingimento chega a ser um absurdo, ao ponto de dizer que respeita o outro induzido por uma lei que lhe obriga a dizer o que não sente. Como diz Santos (1983): “o racismo esconde assim seu verdadeiro rosto” (p. 05).

O racismo é algo que mesmo disfarçando aparece. Atualmente ele não está muito repercutido nas falas, mas aparece nos gestos, nas ações, nas formas com se dá o desenvolvimento social. Não são apenas sentimentos, mas práticas. E pensar que o negro não percebe chega até ser ingenuidade na falsa democracia, sendo que basta ele comparar o índice de negro nas empresas, na política entre outras coisas para perceber o quanto está sendo desvalorizado. Como afirma Oliveira (2006):

Talvez não exista nada que conteste com maior eficiência a democracia racial do que a própria situação do negro brasileiro, passados mais de cem anos de abolição. A maioria dos negros está nos extratos mais baixos da sociedade. São meninos de rua. São os que abandonam com maior frequência as escolas. São os que não conseguem uma boa colocação profissional, etc. Se a explicação não é biológica, só pode ser fruto de um processo de preconceito e discriminação raciais. São processos que por si só desmentem a democracia racial (p.46)

A afirmação sobre não existir racismo veio a partir da farsa da democracia racial em seguida veio às leis que ajudam a mentira continuar, pois a sociedade sabe que se atingir o negro e for comprovado vai ter que assumir as conseqüências, então o medo fala mais alto, precisando se policiar, para o desabafo continuar sempre preso. Vale ressaltar a fala do sujeito (P7):

- Não mudou, as pessoas estão com medo por causa das leis, a questão do racismo continua, quem é negro sabe. (P7)

È viável analisar o discurso de Oliveira (2006 ):

Assim, o racismo contamina toda sociedade sem que muitas pessoas dessa sociedade, negros e brancos, percebam. Muitas vezes, quem combate o racismo é visto como racista. Algumas pessoas e movimentos mesmo com o advento da teoria da democracia racial, perceberam o processo de discriminação contra o negro no Brasil e lutaram contra ele. As lutas dessas pessoas contribuíram e contribuem para a percepção dos mecanismos de discriminação e para a criação de práticas que combatam o racismo (p.47)

Na verdade para que mudanças ocorram, além das leis precisa-se de ações afirmativas a demanda é imensa, o ser humano tem que ser educado, para que se conscientize, crie afetividade e sensibilidade colocando-se no lugar do outro, refletindo acerca do que o negro tem sofrido ao longo de sua história. Novamente citamos Oliveira (2006) que diz assim:

Luta-se para ampliar espaços e direitos democráticos como forma de fortalecer a cidadania. E não dá em democracia e cidadania sem falar em representação. O negro tem que ser representado nas esferas políticas tradicionais, nos livros didáticos, nas novelas, nas revistas, nos programas infantis, nas bonecas e super-heróis. Essa representação faz parte de luta pela cidadania. Talvez o conceito e articulação étnica ou identidade étnica cidadã, seja o caminho para derrubarmos o conceito de democracia racial. Com o negro tendo acesso a educação, saúde e emprego. Com o negro tendo direito de resgatar e vivenciar a sua cultura. Só com o negro dignamente representado, poderemos, realmente, ter o negro exercendo a sua cidadania. Só assim poderemos ver a população negra se transformar em um povo negro (p54)

Os remanescentes de quilombo têm que ser visto antes de tudo como pessoas comuns, pois podem ter diferença na cor, mas são humanos e não objeto como foram tratados na escravidão.

### 4.3 ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU: SÍMBOLO DE LUTAS E RESISTÊNCIA.

Notamos através das idas e vindas em Tijuacu que a comunidade já não é mais a mesma de antes, as histórias são outras, a população bonfinense olha pra esta comunidade com outros olhos. E tudo isso se deve ao trabalho desenvolvido pela Associação ao longo desses dez anos de existência. Portanto podemos identificar nas falas dos membros desta organização quando perguntados se esse Distrito mudou. Citamos aqui as falas dos entrevistados que se expressam com orgulho:

- Mudou depois da associação a gente teve o respeito maior, muitas famílias quando seu filho nascia colocavam no registro que a cor da criança era morena, hoje as pessoas já colocam negro. E a gente ver que Tijuacu tem esse respeito não só na comunidade, mas na região e de forma em geral todo Brasil onde teve momentos que Tijuacu foi pra fora representar Senhor do Bonfim, por conta da sua cultura, pois trabalhamos bastante com o resgate do samba de lata. Até nós fundar a Associação, só víamos mangações, pessoas que diziam que ali era coisa de negro, coisa de gente besta, a partir do momento que viram a gente levar o samba de lata para as grandes caminhadas em Salvador, disputar prêmios em Rio de Janeiro onde ganhou em primeiro lugar, as pessoas começaram a perceber que a negrada estava indo a fundo não iam parar por ali. Isso pra gente é muito importante e mim sinto orgulhoso por saber que participei desse pequeno avanço de Tijuacu, muitas vezes diante das dificuldades viajamos pra eventos apenas com o dinheiro da passagem de ida imagine que loucura, e enfrentamos e estou aqui contando a história. Futuramente teremos alguns jovens indos fazer faculdade de medicina em Cuba e depois voltar para atuar na comunidade. (P1)

-Mudou muito, porque muitas pessoas não tinha conhecimento não sabia o que significava a palavra nego e depois da associação descobriu muito com as palestras com as coisas que o pessoal foram buscar La fora é como se abrisse uma página do livro, abriu essa pagina e as pessoas que se integra a associação aprendeu muito, eu mesmo já viajei muito já fui em Brasília pela associação, Ilhéus, vários locais, acho que abriu a mente daquelas pessoas mais fechadas. (P6)

- Mudou e muito, graças a deus porque antes a gente tinha esse medo de preconceito. Depois da associação começamos andar de cabeça erguida. (P7)

Quando ouvimos a alegria desse povo em falar das mudanças, percebemos o grande papel da Associação, ela não só melhorou em benefícios ela está melhorando sentimentos, o que se torna ideal na construção de uma identidade não só individual, mas também coletiva. Este fato é bem visível quando procuramos saber o que esses sócios buscavam na Associação quilombola, visto que 46% dos

sujeitos pesquisados participam da Associação desde o início, desse percentual 75% disseram buscar força de luta para reivindicações e 25% proteção e companheirismo, isso significa que ainda tem indivíduos que sentem desprotegido e estão ali procurando se proteger dos impasses que lhe aflige dentro da sociedade. Este fato consolida a Associação como um espaço de reivindicações e apoio social na luta contra as discriminações raciais. O povo de Tijuáçu mudou até sua forma de pensar e agir. Destacamos esta fala:

-Com certeza antigamente pra você fazer uma pesquisa como essa, se a Associação não tivesse desenvolvendo esse trabalho bonito não conseguiria, hoje se você chegar em qualquer pessoa eles sabem o que é negro, racismo não tem vergonha, antigamente pra você desenvolver um trabalho desse, não ia desenvolver porque eles não ia da atenção, porque eles sempre ia tá pensando que você vinha buscar alguma coisa pessoal. (P9)

As melhorias adquiridas por esta Associação são muitas, porque esta cresceu em nível regional e nacional destacando por suas conquistas. E não se fecha, busca relação com todos os órgãos presentes na sua comunidade e no seu município como saúde, Educação, CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) entre outros.

A associação hoje faz parte do Conselho Regional do estado da Bahia, tem diretor de cultura responsável pelos movimentos culturais desta comunidade, têm jovens formando-se em danças africanas pelo ilê aê, propostas de jovens irem estudar medicina para em seguida destacarem-se no próprio Tijuáçu.

O diretor de cultura se mostrava preocupado com jovens que estão se formando em danças, por que com o retorno a sua comunidade precisam-se de trabalho nesta área para se ingressarem, para que estes não sintam a necessidade de sair Brasil a fora. Então vejamos se existe essa preocupação é porque a sociedade aqui ainda não esta dando oportunidade de empregos aos negros nessa região, mas as lutas desse povo continuam porque a vontade de vencer é imensa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa cujo objetivo foi analisar os processos de afirmação de identidade da Associação Quilombola de Tijuacu diante das práticas de racismo, nos proporcionou fazer algumas considerações a partir das análises de dados coletadas no decorrer deste trabalho. Neste momento de reflexão consideramos os elementos que envolvem esta discussão, dos processos históricos ao sociais dos quais o negro faz parte. E foi refletindo sobre esses itens que pontuamos os desdobramentos da escravidão que ficou na vida do negro e como os preconceitos oriundos desta fase tem se perpetuado dentro da nossa sociedade.

Ao longo dos anos o racismo se expandiu em toda esfera social. Inicialmente de forma clara, o que parecia ser liberdade com o fim do período escravocrata virou perseguição, humilhação, desrespeito entre outros. Para a elite nosso país era miscigenado, não precisava discutir sobre a marginalização sofrida pelo negro, para muitos, isso era igualdade. Essa era uma forma de continuar a hegemonia dos brancos, sustentando o negativismo contra o negro. Já nos dias atuais percebemos o racismo de uma forma mascarada, escondendo-se das leis criadas no nosso país, sustentando o mito da democracia racial.

Nos questionamentos realizados com os sujeitos percebemos através da análise falas significativas sobre a questão do racismo onde eles reconhecem que apesar das leis criadas no Brasil ainda se vivencia ações preconceituosas que se apresentam nos gestos, nas vagas de emprego, na mídia entre outros elementos, e também esclarece que isso não é demonstrado de uma forma visível, o que nos leva crer que o racismo existe sim, só que diferente de antes.

Nossa reflexão diante da análise nos proporcionou um olhar diferente em relação esta comunidade, pois percebemos que apesar de já terem sofrido muito devido esta questão do racismo de forma explicita e ainda de maneira mascarada, o povo de Tijuacu, está construindo seu “EU”, sua identidade, afirmando-se como negros e como quilombolas. Demonstrando seus traços físicos como cabelo, também seus vestuários entre outras, e mostram com orgulho.

Diante das análises feitas não podemos dizer que a Associação quilombola de Tijuáçu tem uma identidade afirmada porque mesmo afirmando-se como negros alguns itens ainda estão vinculados aos brancos como é o caso da religião a maior parte dos sujeitos na ficha de identificação realizada antes da entrevista diz ser católicos sendo que o símbolo de religiosidade dos negros vindos da África era o candomblé, não sabemos se é por vergonha ou porque ainda estão apegados ao catolicismo, por isso referimos como construção de identidade.

Os quilombolas de Tijuáçu buscaram conhecer sua origem, a história de seu povo, já não tem vergonha de se expressar, lutaram pelo seu reconhecimento enquanto quilombo, pela demarcação de suas terras e continuam a lutar pelos seus direitos e melhorias na sua comunidade. Visto que o ponto de apoio desse povo é a Associação quilombola de Tijuáçu e Adjacências que abrange o povo de Tijuáçu e comunidades vizinhas.

Podemos dizer que esta Associação quilombola é um símbolo de luta, porque muitos buscam nela força de reivindicações, além disso, busca benefícios para sua comunidade e também respeito como cidadãos de etnia negra, alguns ainda sentem-se desprotegidos e vê nessa organização uma forma de se proteger dos entraves da sociedade em que vive. Portanto é através dela que a população de Tijuáçu está construindo seu “EU”, já que esta inspira coragem e força de resistência.

Enfim acreditamos que esse trabalho possa contribuir nos processos de afirmação da identidade do povo negro, demonstrando para a sociedade que a democracia racial ainda está em processos de consolidação, mas que aqueles que sofrem também já percebem e estão buscando mudar a história que tem lhe perseguido ao decorrer dos anos. Os resultados revelaram fatos que a sociedade não quer admitir que existe, e esta realidade só mudará quando todos os seres humanos de etnia negra começarem a construir sua identidade. Visto que estamos cientes das lacunas que possam apresentar nesta pesquisa, mas acreditamos que esta servirá como contribuição nesse processo.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas** (organizadora) \_ Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e afetividade. In: **Saberes e fazeres: modos de ver**. V.1. Coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. (A cor da cultura)

\_\_\_\_\_. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar – Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CERVO, Amado Luis. **Metodologia científica**/Amado Luis Cervo, Pedro Alcino Bervian, Roberto da Silva \_ São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil: da senzala à abolição**. São Paulo: Moderna, 1999. (coleção polêmica)

CUNHA Jn., Henrique. Identidades negras e educação. In: **300 anos de Zumbi dos Palmares**. 1992.

DCN, **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana**. Brasília Distrito Federal. Outubro, 2005.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: Identidade em construção**, Atlas, São Paulo, 1999.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 3ª Ed. \_ São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Revista Aletria: Alteridades em questão, Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.06, n09, dez/ 2002, p. 38-47

\_\_\_\_\_. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

HALL, Stuart. **As identidades Culturais na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ Marli E. D. A. **A pesquisa em educação. Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Paulo Batista. **Tijuaçu: uma resistência negra o semi-árido baiano**. Paulo B. Machado, José de Santana Salgado, Miroslaw Kropidlowski, Valmir dos Santos. Senhor do Bonfim, 2005.

MAHEIRIE, K. **Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade**. Interações, 2002.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia ao Trabalho Científico; Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatórios, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 1996.

MICHALISZYN, Mário Sérgio. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22.ed.Petrópolis, RJ: Vozes,1994.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios recuperados: experiências da comunidade negra rural de Tijuaçu-BA**. São Paulo: Annablume, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Ática,1988.

\_\_\_\_\_ ; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006. (coleção para entender)

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo. Selo Negro edições, 2003.

OLIVEIRA, Nelson Silva de. **Vultos negros na história do Brasil**. Ceap, 2006.

PAIXÃO, Marcelo. Desigualdade nas questões racial e social. In: **Saberes e fazeres: modos de ver**. V.1. Coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. (A cor da cultura)

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 22.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

SILVA, Francisco de Assis. Artigo do jornal Anglo, Abril de 1988.

SILVA, Petronilha G. *apud* CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e afetividade. In: **Saberes e fazeres: modos de ver**. V.1. Coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. (A cor da cultura)

WEXLER, Philip. Escola Toyotista e identidade de Fim de Siècle. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs). **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**, RJ: Vozes, 1995.

# APÊNDICES



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII

Este questionário faz parte de uma atividade de pesquisa monográfica do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia que tem como intuito analisar a seguinte questão: Como se dá a afirmação de identidade na Associação Quilombola de Tijuacu diante das práticas de racismo? Sendo o mesmo um instrumento de investigação e de análise sobre a referida problemática.

Destacamos que os dados pessoais de identificação serão preservados a fim de assegurar a identidade dos sujeitos. Conto com sua participação. Obrigada!

### Questionário

**1-Identificação/Nome:** \_\_\_\_\_

**Sexo:**

masculino ( ) feminino ( )

**2-Idade:**

16 a 22 ( )    22 a 28 ( )    28 a 34 ( )    34 a 40 ( )    Acima de 40 anos ( )

**3-Você trabalha:**

Sim ( )          Não ( )

**4- Sua renda mensal:**

Menos de um salário ( )    Um salário ( )          Acima de um salário ( )

**5- Você se considera negro?**

Sim ( )          Não ( )

**6- Você tem vergonha de ser negro?**

Sim ( )          Não ( )

**7- Você acredita que ainda existe racismo?**

Sim ( )          Não ( )

**8- Você se sente bem na Associação Quilombola?**

Sim ( )          Não ( )

**9- O que você busca na Associação?**

Companheirismo ( )    Força de luta para reivindicações ( )    Proteção

**10- A quanto tempo você participa da Associação:**

Desde do início ( )    5 anos( )    4 anos ( )    2 anos( )    Entrou este ano ( )



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII

## ROTEIRO DA ENTREVISTA

**Por: Ariana da Silva Mattos**

**Assunto:** Associação Quilombola de Tijuçu: sua identidade diante das práticas de racismo.

### Identificação do/a entrevistado(a)

Data:.....de.....de .....horário do início: .....horas

Local: .....

Nome: .....

Etnia:.....

Idade: ..... anos/ data de nascimento: .....

Posição no grupo familiar:.....

Filiação: .....e .....

Local de nascimento:.....

Estado Civil:.....

Nº de filhos: ..... (feminino) ..... (masculino) .....

Religião: .....

Escolaridade:.....

Ocupação: .....

## ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1- Quem é você?
- 2- Você gosta de ser negro ou se sente mal por ser negro?
- 3- Você se sente respeitado pelos outros?
- 4- Essa diferença de cor (negra) dificulta ou atrapalha sua vida?
- 5- Você já sofreu preconceito? Já viu alguém com atitudes racistas com algum amigo ou conhecido seu? Como foi que aconteceu?
- 6- Como você vê o racismo nos dias atuais?
- 7- Mudaram as práticas de racismo com o povo de Tijuacu depois da associação?
- 8- Associação tem lhe ajudado de que forma?
- 9- Que mudanças você vê na Comunidade de Tijuacu depois da Associação?

**CARTA CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A UNEB/CAMPUS  
VII – SENHOR DO BONFIM**

1. Pelo presente documento eu.....

Brasileira , estado civil....., profissão.....

**Carteira de identidade nº**.....emitida por.....

**CPF nº**..... Residente e domiciliada em.....

.....

Município de Senhor do Bonfim, Bahia, cede e transfere nesse ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à *Universidade do Estado da Bahia (UNEB)* a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento prestado no dia.....de.....de ....., perante a orientanda ( pesquisadora) Ariana da Silva Mattos.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento.

3. Fica, pois a *Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*, plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, Brasil e/ou no exterior.Sendo esta forma legitima e eficaz que representa legalmente os nosso interesses, assinam o presente documento em **02 (duas)** vias de igual teor e para um só efeito. De acordo com meu trabalho o nome dos depoentes não serão identificados.

-----  
**Assinatura legível do cedente**

TESTEMUNHAS:

\_\_\_\_\_  
**Nome legível**

**CPF:**.....

\_\_\_\_\_  
**Nome legível**

**CPF:**.....